

Núcleo de Avaliação: Núcleo III

Área temática: Ciências Humanas e Sociais

Área do Conhecimento: Sociologia da Educação

A MÍSTICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CAMPONESES

Ione Carolinny Calixto Santos, Ozaias Antonio Batista

A mística se configura como uma linguagem dos movimentos sociais camponeses voltada à expressão artística das causas sociais e reivindicações políticas dos camponeses historicamente oprimidos. Ela pode se manifestar por meio da arte cênica e/ou dança e/ou música. Dessa forma, compreendendo a mística enquanto algo que dá vida e sentido aos movimentos sociais camponeses, buscou-se as produções dos poetas Gilvan Santos e Zé Pinto presentes no “Cancioneiro da Educação do Campo” (2006), objetivando analisar como as imagens emancipatórias encontradas nas canções desses poetas podem ser compreendidas como fio condutores para se alcançar as finalidades centrais da Educação do Campo, ou seja, uma educação que respeite os modos de vida e reprodução social camponeses. Para leitura das imagens encontradas poeticamente nas canções, foi-se adotado a imaginação dinâmica e material direcionada por Gaston Bachelard (1990; 2008a; 2008b; 2009), a qual possibilitou trabalhar tal conteúdo imagético por intermédio do simbolismo da terra, da sua relação com a água e o modo de vida campesino. As imagens oferecidas pelos cancioneiros estudados escapam às dicotomias propostas e constroem a esperança ativa, como parte do processo de busca em meio às ações políticas, culturais e pedagógicas tal como propõe a Educação do Campo. O campo permite a criação da cidade no contexto da urbanidade, constrói a cidade para posteriormente ser cooptado pelas imagens subalternas criadas em torno de si pela própria cidade. A partir da leitura da produção dos poetas pode-se afirmar que o desenho imaginário e semiológico do campo é monopolizado pela cidade em grande medida pela poética literária, musical e cinematográfica potencializado nas linguagens artísticas nacionais, ora como denúncia, ora como estereótipo, ora como crítica. Ainda é possível perceber que o desvio semântico moderno - dos que escaparam da sanha ocupacional colonizadora que submeteu o cultivo à monocultura e privatizou para poucos a terra de muitos -, aos que podem cultivar a sua terra foi-lhes imputados as imagens do atraso, do outro rústico, do selvagem, da caricatura do ingênuo, do jeca-tatu. E aos seus espaços a imagem do estranho, do campo como o outro, do sertão selvagem, traiçoeiro, do espaço-brenha que precisa ser ocupado, urbanizado, domado, submetido a lógica hegemônica do capital. As poéticas apresentadas diante do simbolismo da terra, consideram as relações produzidas entre a terra e a água como elementos essenciais para a manutenção do espaço de vida do povo camponês e a sua soberania cultural, traduzem-se em crítica à realidade social hegemônica, auxiliam na desconstrução da dicotomia homem/natureza, desnaturaliza o espaço, apontando que esse é fruto das agências e astúcias humanas. Dessa maneira, conclui-se que o uso da produção

de cancioneros populares, tais como, Gilvan Santos (2006) e Zé Pinto (2006), bem como a relação íntima entre os elementos supracitados identifica o chamado que emana dos movimentos em defesa da Educação do Campo (por exemplo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)), podendo ser utilizados para a criação de uma relação identitária entre os estudantes do campo e seus espaços de origem.

Palavras-chave: Cultura Camponesa. Imaginário Poético. Mística.

Agência financiadora: PIBIC-AF.

Campus: Mossoró
